
Falso sonho americano: desconstruindo as artimanhas do *catfish* em aplicativos de relacionamento¹

Robson da Silva Braga²
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Este artigo analisa como usuários de aplicativos de relacionamento vão adquirindo expertises que, aos poucos, permitem-lhes identificar perfis falsos (definidos aqui como “*catfish*”) com os quais se relacionam virtualmente. Por meio de um estudo de caso, analiso o contato que Sônia, uma professora brasileira que mora em Fortaleza, Ceará, teve com três estrangeiros por meio de três aplicativos de relacionamento e/ou de intercâmbio de idiomas: Tandem, HelloTalk e Tinder. Depois de semanas de conversa virtual e de declarações de amor, os interagentes (supostamente homens brancos, de meia idade, oriundos de Nova York ou de cidades da Califórnia) tentam aplicar um golpe financeiro. A pesquisa tem por base definições conceituais como “gerenciamento da impressão” (Erving Goffman) e “americanização do Brasil” (Antonio Pedro Tota).

Palavras-chave: gerenciamento da impressão; *catfish*; aplicativos de relacionamento; etnografia virtual

1 INTRODUÇÃO

A ideologia estadunidense disseminada pela América Latina especialmente a partir do século 20 somada aos desafios políticos e socioeconômicos enfrentados pelos países desse subcontinente são apontados como alguns dos responsáveis por estimular o desejo (ou a necessidade) de muitos latino-americanos por migrar aos Estados Unidos.

Valendo-se desse desejo (ou necessidade), grupos mal intencionados costumam adotar estratégias para lucrar sobre os cidadãos que buscam alternativas para “mudar de vida” e talvez chegar ao tão sonhado “*american way of life*” (estilo de vida americano). Nesse sentido, é comum a venda de supostas facilidades para se atravessar a fronteira estadunidense, obter bons empregos no local de destino ou conseguir um bom casamento, de preferência com um cidadão americano branco e com recursos.

Na construção das “estratégias de *marketing*” para a venda do “produto” ou “serviço”, grupos golpistas costumam se valer de símbolos que são rapidamente

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Tecnologias e Culturas Digitais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC); doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); email: robsonsilvabraga2@gmail.com

associados ao imaginário sobre o que seria os Estados Unidos, com base na enxurrada de imagens que chegam à América Latina por meio do cinema, dos telejornais e das relações políticas e econômicas estabelecidas entre os Estados nacionais.

Casarões em ruas tranquilas e arborizadas, famílias brancas e sorridentes tal qual um comercial de margarina, neve caindo no quintal, iates em lagos bucólicos. Esses são alguns dos símbolos que costumam ser associados a uma suposta “vida cotidiana” do cidadão estadunidense, presente de Hollywood às redes sociais virtuais.

No caso das plataformas digitais, tem sido cada vez mais comum a estratégia de construção de *persona* para interagir com potenciais vítimas de golpes financeiros, às quais é prometida uma verdadeira vida de “príncipe” ou “princesa”.

O levantamento feito por meio desta pesquisa aponta para a existência de máfias internacionais que se utilizam do “sonho americano” que permeia a América Latina para aplicar golpes especialmente entre mulheres latino-americanas, por considerarem que há entre nós um desejo pelo estilo de vida supostamente proporcionado pelos Estados Unidos a seus cidadãos.

Nos últimos anos, várias notícias e reportagens de jornais³ detalharam como diversas máfias internacionais organizam golpes virtuais. A maioria dessas reportagens fala sobre grupos localizados em países como a Nigéria, no sudoeste da África, justamente de onde seria uma das máfias possivelmente identificadas por Sônia⁴, a personagem central deste estudo de caso.

Meses após se separar de seu ex-marido, com quem viveu por mais de 20 anos, Sônia, uma professora de inglês de cerca de 50 anos de idade, passou a usar três aplicativos de relacionamento e/ou de intercâmbio de idiomas: Tandem, HelloTalk e Tinder. Após uma primeira decepção amorosa – sofrida depois de desconfiar que estava se relacionando com um perfil *fake* –, Sônia buscou se recompor e passou a se divertir identificando os erros performáticos de *catfishes*⁵ que tentavam aplicar golpes em mulheres aparentemente vulneráveis emocionalmente.

³ Nigerianos chamavam mulheres de 'minha rainha' para dar golpes de até R\$ 500 mil. Em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/nigerianos-chamavam-mulheres-de-minha-rainha-para-dar-golpes-de-ate-r-500-mil.ghtml> (acesso em: 08/07/2023).

⁴ O nome da personagem central desta pesquisa foi alterado, para resguardar nossa entrevistada.

⁵ “*Catfish*” é uma pessoa que se utiliza de perfis falsos nas redes sociais para interagir com outras pessoas no universo online; em alguns casos, a finalidade do *catfish* é aplicar golpes financeiros, valendo-se, em geral, do envolvimento afetivo construído durante a interação.

Depois que eu quebrei a cara bem legal com o Anthony [seu primeiro relacionamento virtual], eu passei a prestar atenção neles, passou a ser meu objeto de pesquisa, não tinha mais envolvimento. E eu ia dando corda pra ver até onde eles iam chegar. E eles vão longe. Eles querem saber muita coisa da gente. E eles não sustentam a mentira, por isso a gente vai pegando. Mas muita gente cai. É uma questão da carência do momento, e você acaba falando o que não deve [Entrevista com Sônia em outubro de 2022].

Sônia considera haver um padrão entre os perfis que ela identifica como *fake* em tais plataformas: os homens são sempre brancos, de meia idade, recém-separados, bem-sucedidos, oriundos de Nova York ou de cidades da Califórnia, mas quase sempre estão em missão militar ou humanitária ao redor do mundo. Depois de semanas de conversa virtual e de declarações de amor, esses homens tentam aplicar um golpe financeiro, fazendo chantagem emocional quando o dinheiro é negado.

Com base nisso, este artigo analisa como usuários de aplicativos de relacionamento vão adquirindo expertises que, aos poucos, permitem-lhes identificar perfis falsos com os quais se relacionam virtualmente.

Como procedimentos metodológicos, realizei três entrevistas em profundidade com Sônia em 2019 e mais uma em 2022; realizei observação participante dos perfis de três homens com quem ela interagiu por cerca de dois meses; e analisei as conversas que nossa personagem central manteve durante esse período com os três perfis *fakes* pelo WhatsApp.

2 GERENCIAMENTO DA IMPRESSÃO NO AMBIENTE *ONLINE*

Para esta investigação, combinamos três discussões teóricas: **1)** como as pessoas administram as impressões sobre si mesmas, com base em Erving Goffman (2009); **2)** quais são os componentes específicos das interações nas mídias sociais, com base em autoras como Beatriz Polivanov e Fernanda Carrera (2019); **3)** e como os países da América Latina foram permeados pela noção de americanização, com base em pesquisadores como Antonio Pedro Tota.

É bastante difundida, no campo da Sociologia, a “metáfora do teatro” utilizada pelo sociólogo canadense Erving Goffman (2009) para refletir sobre os protocolos performáticos adotados pelos sujeitos sociais na vida cotidiana. Ao vestir sua “máscara social” ainda nos “bastidores” e, em seguida, subir ao “palco” para encenar a vida

cotidiana ao lado de outros personagens dispostos em cena, sob os olhares atentos da “plateia”, o ator social tenta gerenciar a impressão daqueles com os quais interage, de modo a não permitir que o papel social desempenhado por ele naquele momento seja “desmascarado”.

Na tentativa de “gerenciar a impressão” do outro, o ator social precisa lidar tanto com elementos governáveis, quanto com elementos involuntários, os quais ele não consegue alterar: “O ator deve agir com expressiva responsabilidade, visto que muitas ações insignificantes e inadvertidas podem, às vezes, transmitir impressões inapropriadas ao momento. Estes acontecimentos foram chamados de ‘gestos involuntários’” (GOFFMAN, 2009, p. 191).

Exemplo disso seria o sotaque de alguém ao usar seu idioma nativo. Até seria possível tentar imitar o sotaque de outro grupo populacional, mas, caso o consiga com precisão, seria necessário ao ator muita “disciplina dramatúrgica” para mantê-lo ao longo de toda a interação: “É essencial para a manutenção da representação da equipe que cada membro possua disciplina dramática e a exerça ao apresentar seu próprio papel” (GOFFMAN, 2009, p. 198).

Publicada originalmente em 1975, a obra de Goffman – “*The presentation of self in everyday life*” – empenhou-se em refletir sobre as interações face a face, sem mediações tecnológicas, como seria o caso da comunicação estabelecida por meio de plataformas digitais, a exemplo do Tinder, HelloTalk e Tandem. Nesse sentido, é fundamental que atualizemos o debate proposto pelo sociólogo, trazendo à tona reflexões contemporâneas sobre as interações em rede.

A partir dos escritos da socióloga estadunidense danah boyd, as professoras Beatriz Polivanov e Fernanda Carrera (2019) destacam quatro características dos sites de redes sociais: **1)** as postagens feitas pelos interagentes ficam registradas – exceto quando são excluídas, claro (persistência); **2)** como consequência, tais postagens podem ser facilmente encontradas por meio de mecanismos de pesquisa online (buscabilidade); **3)** os discursos e as práticas apresentadas por um interagente podem ser rapidamente reproduzidas (viralizadas, transformadas em memes) por outros usuários das plataformas (replicabilidade); **4)** e não há garantias sobre quem exatamente irá acessar os conteúdos postados (audiências invisíveis).

Nesse sentido, é fundamental que pensemos sobre como tais especificidades da interação *online* podem resultar em artimanhas de gerenciamento da impressão do outro que são próprias do fenômeno virtual. Exemplo disso seria o uso tático que se faz das ferramentas tecnológicas a partir do que se pretende trazer ao “palco” e daquilo que se quer deixar nos “bastidores”, distante do olhar do interlocutor.

Na interação *online*, por exemplo, o interagente pode escolher oportunamente uma das seguintes ferramentas de interação: quando se comunicar por chamada de vídeo, quando enviar um áudio, quando interagir por meio de mensagem de texto, quando disparar uma foto e se tal imagem será compartilhada no modo “temporário” (ou seja, quando não é possível fazer uma cópia da imagem ou compartilhá-la com outras pessoas, podendo ser vista uma única vez), quando responder (se o *feedback* será dado segundos, minutos, horas ou dias depois), entre outras táticas. Tais elementos reconfiguram significativamente o fenômeno das interações sociais como foi observado por Goffman na década de 1970.

Em fotos e textos, é comum, durante a gestão da impressão do outro, o uso de símbolos que representariam nações desenvolvidas do hemisfério norte, a exemplo de neve, casarões, grandes escritórios, roupas de frio, filhas brancas e fofas, viagens ao redor do mundo etc.

Ao propor a análise dos contextos em que ocorrem o gerenciamento da impressão daqueles com os quais interagimos, Erving Goffman (2009, p. 218-219) propõe cinco perspectivas sob as quais poderíamos analisar os estabelecimentos sociais nos quais as interações ocorrem, sendo a quinta uma perspectiva colocada em diálogo com as outras quatro: **a)** perspectiva técnica (considera a eficácia de um “sistema de atividade intencionalmente organizado”); **b)** perspectiva política (“ações que cada participante pode exigir dos outros participantes”); **c)** perspectiva estrutural (“divisões, horizontais e verticais, de condições sociais e das formas de relacionamento social”); **d)** perspectiva cultural (“valores referentes à moda, aos costumes e questões de gosto, à polidez e ao decoro, às finalidades últimas e às restrições normativas sobre os meios”); **e)** perspectiva dramatúrgica.

Tendo por base tal categorização de Goffman, proponho pensar os aplicativos de relacionamento investigados aqui como estabelecimentos sociais cujas interações sociais devem ser lidas a partir de dois diálogos: **a)** técnica-dramaturgia; **b)** e

cultura-dramaturgia. Na primeira, teríamos as ferramentas interacionais do aplicativo (fotos, vídeos, chat, miníbio, envio de áudios etc.) proporcionando e, ao mesmo tempo, limitando a encenação, visto que os interagentes podem se valer de argumentos (válidos ou não) para utilizar-se de uma ferramenta em vez de outra (exemplo: usar texto escrito em vez de áudio ou videoconferência por supostamente estar em lugar barulhento). Já na segunda, teríamos o uso de imaginários culturais e socioeconômicos sobre países do hemisfério norte (a exemplo dos Estados Unidos) a fim de se agregar valor à máscara adotada por um *catfish*.

Em termos interacionais, destaca-se uma reflexão que busca ampliar uma categorização proposta por Goffman (2009)⁶: embora se reconheça aqui que a “ruptura de uma encenação” pode causar grande constrangimento ao personagem que está sendo “desmascarado” (como aponta o autor), também é verdadeiro que a plateia pode se demonstrar constrangida e se sentir humilhada ao se dar conta de que acreditou no personagem com o qual estava interagindo. Esse foi o caso de Sônia, por exemplo.

3 AS PLATAFORMAS INVESTIGADAS

É importante reconhecer como as materialidades da plataforma podem transformar consideravelmente as interações, dependendo do aplicativo em que ocorre a conversa. Algo como “o meio é a mensagem”, como definido pelo canadense Marshall McLuhan. Apresentamos, aqui, algumas breves informações sobre as três plataformas utilizadas por Sônia.

Lançada em 2015 e com sede em Berlim, a plataforma Tandem⁷ é um aplicativo de intercâmbio linguístico que coloca em contato falantes de cerca de 300 idiomas. Segundo o site oficial, hoje são 18 milhões de usuários de todo o mundo que ajudam uns aos outros a “aprender novos idiomas por meio de chat de texto, áudio e vídeo”.

⁶ “Embora a probabilidade de ruptura varie amplamente de interação para interação, e conquanto a importância social de prováveis rupturas varie de uma interação para outra, ainda assim parece não haver interação na qual os participantes não tenham uma apreciável probabilidade de ficar ligeiramente embaraçados ou uma ligeira probabilidade de ficar profundamente humilhados” (GOFFMAN, 2009, p. 221).

⁷ Em: <https://www.tandem.net/pt-br> (acesso em: 03/08/2023).

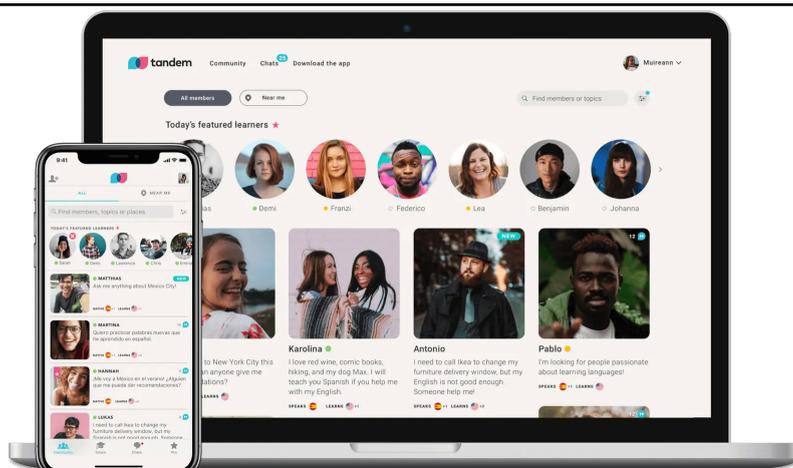


Figura 1 - Página inicial do aplicativo Tandem
Fonte: Divulgação/Tandem

Com sede nas cidades chinesas de Hong Kong e Shenzhen, o aplicativo HelloTalk⁸ possui mais de 20 milhões de usuários ao redor do mundo. Trata-se de um “mensageiro” similar ao WhatsApp. Seu diferencial, contudo, está em suas ferramentas de tradução imediata, o que garante uma comunicação efetiva mesmo quando um interlocutor não fala a língua do outro. Outras ferramentas são a correção de textos escritos e a tradução por reconhecimento de voz.



Figura 2 - Tela de interação do mensageiro HelloTalk
Fonte: Divulgação/HelloTalk

⁸ Em: <https://www.hellotalk.com/?lang=pt-br> (acesso em: 03/08/2023).

Por fim, temos o Tinder⁹. Lançado em 2012 na cidade de West Hollywood (Califórnia), a plataforma é o mais famoso aplicativo de relacionamentos no Brasil, atualmente com mais de 10 milhões de usuários somente no país. No aplicativo, é necessário que duas pessoas “se curtam” mutuamente para que, a partir desse *match*, seja liberada a interação entre os dois. Cada usuário organiza seu perfil com uma ou mais fotos de apresentação inicial, além de uma pequena biografia e uma lista de interesses.

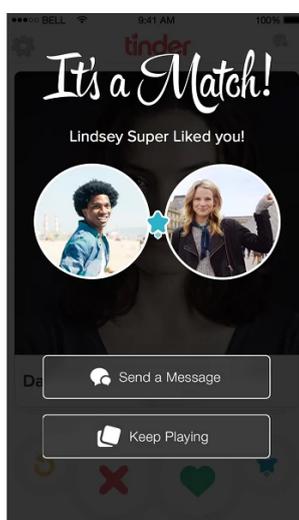


Figura 3 - Tela mostrada quando duas pessoas “se curtem” mutuamente no Tinder
Fonte: Divulgação/Tinder

Em resumo, temos as seguintes ferramentas de interações em cada uma das plataformas citadas:

- **Tandem** (intercâmbio de idiomas): localização (opcional) + foto de perfil + até 6 fotos + frase definidora + depoimentos como referências + videochamada + audiochamada + mensagens + seguidores
- **HelloTalk** (intercâmbio de idiomas): localização (opcional) + apenas uma foto de perfil + frase definidora + sem depoimentos como referências + chamada de áudio + mensagens + seguidores

⁹ Em: <https://tinder.com/pt> (acesso em: 03/08/2023).

-
- **Tinder** (aplicativo de namoro): Tinder Gold (possível interação com pessoas do mundo todo) + foto de perfil + até 5 fotos + texto informando o que você procura + mensagens + matchs
 - **WhatsApp** (aplicativo de interação): foto de perfil + nome + frase definidora + envio de texto, fotos, áudios e vídeos + videochamada + ligação telefônica + conversas em grupo + snaps/stories

Em geral, os componentes materiais proporcionados pelas plataformas online (aplicativos de relacionamento, além do email e do WhatsApp, utilizados em paralelo) são os seguintes: **1)** foto de perfil; **2)** conversas cotidianas; **3)** interação por áudios; **4)** interação por audiovisual; **5)** interação por vídeo sem áudio (dependendo do que os perfis falsos conseguirem mostrar); **6)** envio de carta por e-mail; **7)** comunicação restrita, ou seja, sem uso de vídeo ou áudio (porque o personagem supostamente mora em uma base militar).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui apresentada é definida como um estudo de caso, procedimento metodológico definido como um modo de organização dos dados dispersos na sociedade, preservando, contudo, o caráter unitário do evento específico que está sendo observado. Trata-se de uma técnica de observação e análise de fenômenos contemporâneos observados dentro do contexto da vida real (DUARTE, 2015).

As especificidades do gerenciamento das impressões no ambiente *online* já me inquietavam desde que participei da banca de mestrado de Fernanda Costantino (2018) – sobre a interação entre mulheres e homens por meio do Tinder – e, em seguida, tive acesso às reflexões propostas por Polivanov e Carrera (2019) atualizando as proposições de Goffman para o contexto dos sites de redes sociais.

Coincidentemente, naquele momento, estreitei laços com uma amiga, Sônia, que passou a me relatar, quase diariamente, sobre suas experiências em aplicativos de relacionamentos que ela passou a utilizar alguns meses após sua separação. O modo como sua percepção sobre as interações *online* evoluía rapidamente a cada semana – tornando-se uma pessoa mais perspicaz e cética – foi ganhando minha curiosidade.

Alguns meses depois, propus-lhe de realizar este breve estudo de caso, tendo por base algumas interações mais significativas estabelecidas por ela ao longo desse período.

Em 2019, realizei três entrevistas presenciais semi-abertas com Sônia e, naquele mesmo ano, Sônia me permitiu ver sua conta nos três aplicativos (ao seu lado, por meio do celular dela), além de compartilhar comigo, pelo WhatsApp, uma parte das mensagens que ela trocou com os três *catfishes* pelo WhatsApp. Em 2022, a fim de esquematizar melhor os dados apresentados aqui, voltei a entrevistar Sônia, e é perceptível o distanciamento emocional que ela demonstrou nesta segunda ocasião, momento em que ela já não utilizava mais aplicativos de relacionamento.

Para realizar as entrevistas, adotei a técnica da entrevista semi-aberta (DUARTE, 2015), a partir da qual elenquei alguns eventos que eu já havia percebido durante nossas conversas informais e durante a observação que fiz das interações que ela estabeleceu com os perfis *fakes* nos três aplicativos e no WhatsApp.

Para a observação no ambiente *online*, adotei a perspectiva da pesquisadora inglesa Christine Hine (2016), que propõe uma etnografia virtual a partir da qual o pesquisador deve: **a)** perceber a internet como cultura e como artefato cultural; **b)** considerar os diálogos entre online e offline; **c)** considerar os usos cotidianos das redes sociais virtuais; **d)** e analisar sobre como a internet tem sido incorporada à vida cotidiana das pessoas.

Por meio da etnografia virtual, o pesquisador deve considerar as seguintes características da internet: **a)** ela é incorporada “em múltiplas estruturas de construção de significado; nosso uso da internet faz sentido em contextualizações muito particulares fornecidas pelos lares, instituições, locais de trabalho, escolas, redes de amizade e de parentesco” (HINE, 2016, p. 16); **b)** ela é corporificada, ou seja, “nossos corpos não distinguem necessariamente uma experiência on-line de uma off-line a priori, de modo que seria problemático para um etnógrafo fazê-lo” (...) “compreensão corporificada dessa forma de existência” (HINE, 2016, p. 16); **c)** e ela é cotidiana, ou seja, “as pessoas simplesmente não falam sobre a internet, mas somente a usam nas atividades diárias em que estão engajadas” (HINE, 2016, p. 17).

5 ESTUDO DE CASO: SÔNIA E OS *CATFISHES*

Sônia é uma professora de inglês brasileira, divorciada, tem 50 anos e mora em Fortaleza. Ela usou aplicativos de relacionamento por mais de um ano. Inicialmente, ela se apaixonou por um perfil falso, mas percebeu a falsidade na primeira tentativa de golpe financeiro. A partir dessa primeira tentativa de golpe, Sônia passou “a se divertir” ao “desvendar perfis falsos” nas plataformas que costumava utilizar para treinar seu inglês com nativos do idioma e, em segunda instância, para paquerar com estrangeiros em geral.

O primeiro perfil falso investigado neste artigo é o de Anthony, um suposto general belga de 53 anos que se tornou cidadão americano, um simpático homem branco que tem uma grande casa na Califórnia. Ao conversar com Anthony por troca de áudios no WhatsApp, Sônia levantou desconfianças sobre o sotaque do homem, que se justificou afirmando que teria circulado pelo mundo desde a infância, sendo influenciado por muitos usos do inglês.

Até hoje eu acho que as fotos que tinha no aplicativo não eram dele, porque eu fiz chamada de vídeo com ele. Quando a gente começa a conversar com uma pessoa do exterior, se a pessoa negar [chamada de vídeo], você já sabe na hora que é *fake*. Só que ele fazia chamada de vídeo, mas não tinha áudio, porque ele me mandava mensagens de voz pelo WhatsApp durante as nossas conversas, e eu acho que ele não falava comigo por vídeo porque depois eu percebi que o do vídeo não era a mesma pessoa que falava comigo no WhatsApp. Se eu entrar fundo na conversa, eu vou ter a impressão de que a pessoa que falava comigo [por mensagem de texto] no WhatsApp nem era sempre a mesma pessoa, porque eu tocava em assuntos anteriores, e ele não lembrava. Eu acho que eles devem ter um tipo de escritório onde eles fazem rodízio, onde são várias pessoas falando ao mesmo tempo. Por áudio, era sempre a mesma pessoa desde o começo, mas eu logo percebi que não era um americano [por conta do sotaque].

O segundo perfil falso é o de Collins, um engenheiro civil de 54 anos de Austin, mas que mora na Malásia. Ele tem uma grande casa em Austin e – como reforçou por algumas vezes – dois carros na garagem. Hoje o homem estaria trabalhando arduamente para proporcionar uma vida confortável para si e para sua futura companheira. Collins prometeu mostrar o mundo a Sônia quando finalmente se aposentar.

Com o Collins, teve um pouco de envolvimento emocional no início. Ele veio um pouco depois do Anthony e eu tinha ficado chateada com o Anthony. Até que ele me pediu 7 mil dólares emprestado pra resolver a situação dele no local onde ele tava, pra ele poder parar de trabalhar nesse local e voltar pra casa dele, que era no Texas pra eu ir morar com ele. Quando eu disse que não ia emprestar, ele ficou muito bravo comigo, falou um monte de besteira, que

ele tinha ficado muito decepcionado comigo, que ele não sabia que eu ia enrolar ele desse jeito. Eu fiz alguns telefonemas com ele, um sotaque nada americano [Entrevista com Sônia em outubro de 2022].

Por fim, temos Morris, um médico de 52 anos da Califórnia, mas que mora na Turquia, onde se dedica aos trabalhos da entidade internacional Médicos Sem Fronteiras. Morris informa que a babá de suas filhas estava indo embora¹⁰. Sônia, então, entra no jogo do *catfish* e responde a Morris que largaria tudo no Brasil para ser babá de suas filhas. Ele passa a tratar Sônia como sua empregada, exigindo que ela recebesse dinheiro e objetos de valor para ele no Brasil. Provavelmente, o golpe neste caso seria o de obter os dados bancários de Sônia para que ela pudesse servir como corretora de dinheiro em golpes contra outras mulheres.

Ele [Morris] me mandou fotos da casa onde ele morava [nos Estados Unidos], fotos nitidamente tiradas de uma revista de decoração. Dizia que o estilo de vida dele era maravilhoso e mandou foto das filhas. Ele me falou que estava precisando de babá, e eu disse pra ele que estava me candidatando para ser babá das filhas dele, “como é que a gente pode fazer isso acontecer?”. Eu queria ver até onde ele ia chegar. Ele disse que eu tinha que conversar com alguma pessoa pra mandar os meus dados, os documentos, e que eu ia ganhar 4 mil dólares por semana pra cuidar das filhas dele, mas que eu ia ter de cozinhar pra elas também. E eu fui esticando a conversa, até que, em um momento, ele fala que, se eu ia trabalhar pra ele, eu ia ter de receber na minha casa um artefato de ouro¹¹. [...] Ele queria montar um hospital pra ajudar refugiados, e ele tinha conseguido essa bola de ouro. Aí ele queria o meu endereço pra mandar essa bola de ouro pra minha casa pra eu guardar, pra ele vir ao Brasil buscar comigo, pra voltar pros Estados Unidos e montar esse hospital [a bola de ouro seria vendida, e o valor seria revertido para ajudar na construção do hospital]. Ele ficava se gabando: “Ah, minha casa é maravilhosa, eu moro numa casa linda, eu tenho ‘não sei quantos’ carros”. Esse homem era tão *fake* que nem chamada de vídeo a gente fez. E ele pouco me mandou mensagens de voz. E dava pra perceber que o sotaque não era americano. Provavelmente, de algum lugar da África, talvez Nigéria [Entrevista com Sônia em outubro de 2022].

O suposto médico se apresentava como uma pessoa muito humana, uma espécie de ricoço filantropo que iria erguer um hospital para refugiados. Em uma das conversas, diz a Sônia que gostaria de colocá-la em contato “cara a cara” com um fazendeiro brasileiro que importava “sementes de mostarda de argania”, usada para produzir

¹⁰ “Eu tenho uma babá filipina que cuida deles, mas ela vai partir no Natal, vai para casa para se casar com um homem de seu país. Eu discuti o que você me disse sobre vir cuidar das minhas filhas com minha mãe, e ela disse que é uma boa ideia, já que a filipina foi embora” [tradução da mensagem enviada por Morris a Sônia pelo WhatsApp].

¹¹ “Comprei um ouro de um homem da Síria e não posso viajar com o ouro a menos que envie como um pacote por meio de um agente. Essa é a única razão pela qual posso enviá-lo daqui. Isso tem me incomodado. Comprei por \$ 300 mil e vou vendê-lo por \$ 500 mil. Eu gostaria que você recebesse para mim, então eu vou começar a vir te ver [no Brasil]” [tradução da mensagem enviada por Morris a Sônia pelo WhatsApp].

medicamentos genéricos responsáveis por diminuir crises convulsivas, o que poderia baratear muito o tratamento de epilepsia nos Estados Unidos e na Inglaterra.

É possível identificar um padrão em perfis identificados como “falsos”, com base no que é dito pelos golpistas: **1)** são sempre homens brancos; **2)** de meia-idade; **3)** recém-divorciados ou viúvos; **4)** profissionalmente de sucesso; **5)** oriundos de Nova York ou de cidades da Califórnia; **6)** mas estão quase sempre em missão militar ou humanitária pelo mundo; **7)** fazem declarações de amor direcionadas à vítima; **8)** prometem levá-la para morar nos Estados Unidos; **9)** prometem visitá-la no Brasil; **10)** tentam aplicar um golpe financeiro; **11)** fazem chantagem emocional; **12)** quando a vítima não cai no golpe, confessam ter se utilizado de falsidade ideológica em um momento de desespero, por supostamente estarem enfrentando necessidades financeiras ou sendo perseguidos por dívida, insistindo, assim, no envio de dinheiro, valendo-se, nesse segundo momento, do envolvimento que a vítima já demonstra ter e de uma possível fragilidade emocional da vítima.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ferramentas tecnológicas proporcionadas pelos sites de redes sociais apresentam diversas transformações em termos de protocolos performáticos que torna ainda mais desafiador o gerenciamento da impressão do interlocutor. Embora as reflexões propostas por Erving Goffman ainda se mantenham válidas na contemporaneidade, é preciso considerar as especificidades da interação mediada pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

Os usuários de tais plataformas podem se valer de diversas ferramentas para tornar a interação ainda mais sofisticada. Contudo, é possível considerar também que o fato de o “receptor” ser também “produtor” de conteúdo nas redes sociais virtuais, há, por parte dos interagentes, uma expertise que vai sendo adquirida na medida em que ele vai aprendendo a usar a seu favor tais ferramentas.

Se o interagente não possui acesso ao áudio de alguém, por meio do qual poderia identificar o sotaque, é possível identificar tal “fuga” tática do interlocutor por meio dos demais mecanismos de interação proporcionados pela plataforma. Soma-se a isso o fato de que os usuários da plataforma parecem adquirir a habilidade de identificar comportamentos recorrentes, passando a analisar o comportamento do interlocutor atual a partir do comportamento já adotado pelos interlocutores anteriores.

Por fim, destaco a percepção de que máfias internacionais têm se utilizado do “sonho americano” que permeia a América Latina para aplicar golpe financeiro contra latino-americanos porque, em geral, haveria entre nós, latino-americanos, o desejo por um estilo de vida estadunidense.

Além disso, parece haver uma infeliz relação hierárquica entre partes desiguais do globo: pessoas de países africanos (a exemplo da Nigéria) explorando mulheres de estratos médios da América Latina (a exemplo do Brasil), valendo-se, para tal, da imagem do país mais poderoso do mundo (os Estados Unidos).

REFERÊNCIAS

CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

CASTRO, F.C. **Pensando um Continente**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

CALANDRA, B.; FRANCO, M. (org.). **La Guerra Fría Cultural en América Latina**. Buenos Aires: Biblos, 2013.

COSTANTINO, Fernanda Angelo. **Questões identitárias no Tinder: performance de si, autenticidade e gerenciamento da impressão a partir da percepção do gênero feminino**. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 179, 2018.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Ritual de interação: ensaio sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. *In*: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

LOBATO, M.Z. **Americanización: aspectos culturales, económicos y tecnológicos de la transferencia de un modelo**. Los Estados Unidos y América Latina en el siglo XX, Presentado en: XIII Congreso Internacional de Historia Económica de la International Economic History Association. Buenos Aires, 2002.

POLIVANOV, Beatriz Brandão; CARRERA, Fernanda Ariane Silva. Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. **In** *Texto*, p. 74-98, 2019.

PRIMO, Alex (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2014.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.